

# JORNALISMO LITERÁRIO E COMUNICAÇÃO TRANSFORMATIVA:

proposta de alinhamento da nova disciplina com as tendências crescentes da prática de uma comunicação transformativa no campo social e do desenvolvimento humano

Copyright © 2018  
SBPjor / Associação  
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

EDVALDO PEREIRA LIMA

*Universidade de São Paulo*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9390-5391>

DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1131

**RESUMO** – Este ensaio propõe uma função educativa diferenciada para o jornalismo literário enquanto disciplina própria e campo de conhecimento, sintonizada com a ascensão de novos paradigmas que estão revolucionando radicalmente o modo como entendemos a realidade. Sugere sua ação em prol do empoderamento das pessoas por meio de narrativas centradas em histórias de transformação e expansão de consciência. Discute o efeito produtivo e o destrutivo das mensagens dos meios de comunicação. Alinha essa função com iniciativas emergentes denominadas jornalismo construtivo, jornalismo de solução e outras ramificações, configurando a ascensão de uma consciência social em torno de uma prática de comunicação transformativa na mídia convencional, assim como nas novas mídias sociais.

**Palavras chave:** Jornalismo literário. Paradigmas. Nova ciência. Narrativas de transformação. Jornalismo construtivo. Comunicação transformativa.

## **LITERARY JOURNALISM AND TRANSFORMATIVE COMMUNICATION: proposal for the alignment of the new discipline with the growing trend of a communication transformative practice in social and human development**

**ABSTRACT** – This essay proposes a differentiated educational function for literary journalism as a discipline of its own and as a field of knowledge, attuned to the rise of new paradigms that are radically revolutionizing the way we understand reality. It suggests literary journalism to take a proactive role in empowering people through narratives focused on transformation and expansion of consciousness. It discusses the productive and destructive effects of mass communication messages. This proposal is akin to emerging initiatives such as constructive journalism and solutions journalism, which signal the rise of social consciousness regarding transformative communication both in legacy and new social media.

**Key words:** Literary journalism. Paradigms. New Science. Narratives of transformation. Constructive journalism. Transformative communication.

**PERIODISMO LITERARIO Y COMUNICACIÓN TRANSFORMATIVA:  
propuesta de alineamiento de la nueva disciplina con las tendencias  
crecientes de la práctica de una comunicación transformativa  
en el campo social y del desarrollo humano**

**RESUMEN** – Este ensayo propone una función educativa diferenciada para el periodismo literario como una disciplina propia y como un campo de conocimiento, en sintonía con el surgimiento de nuevos paradigmas que revolucionan radicalmente la manera en que entendemos la realidad. Sugiere que el periodismo literario asuma un papel proactivo en el empoderamiento de las personas a través de narrativas centradas en la transformación y la expansión de la conciencia. Discute los efectos productivos y destructivos de los mensajes de comunicación masiva. Esta propuesta está alineada con las iniciativas emergentes que se denominan periodismo constructivo, periodismo de soluciones y otras que señalan el surgimiento de una conciencia social con respecto a la comunicación transformadora tanto en los medios convencionales como en las nuevas redes sociales. Palabras clave: Periodismo literario. Paradigmas. Nueva ciencia. Narrativas de transformación. Periodismo constructivo. Comunicación transformativa.

O desafio aberto a estudiosos de jornalismo literário de se direcionar um esforço acadêmico à edificação da modalidade como uma disciplina própria, apresentado pelos editores John Bak e Bill Reynolds em *Literary Journalism Across The Globe* (2011) provoca em todos nós a necessidade de um voo exploratório sobre distintos aspectos desse vasto território.

Este ensaio destaca um desses aspectos propondo uma reflexão e sugerindo um direcionamento aplicável à prática de uma linha específica de jornalismo literário, o Jornalismo Literário Avançado, discutida e apresentada anteriormente por diversos meios (Lima, 2009; 2013; 2014; 2017).

A proposta do Jornalismo Literário Avançado contempla a adoção de uma abordagem transdisciplinar, em consonância com avanços em curso em distintas áreas do conhecimento científico contemporâneo. No conjunto, tais avanços significam uma notável revolução epistemológica que tanto impacta profundamente o modo como entendemos a realidade, quanto repercute de maneira decisiva no modo como agimos no mundo.

Tomando em conta o fato de que um dos pilares do jornalismo literário é o contar histórias reais centradas em pessoas, este artigo coloca em primeiro plano, por um lado, uma reflexão sobre a função que pode desempenhar quanto aos receptores de suas narrativas. De outro, diz respeito às profundas mudanças de paradigmas em processo

na sociedade ocidental contemporânea, assim como se relaciona às tendências emergentes de propostas – e práticas – jornalísticas que respondem a um fenômeno contemporâneo de ascensão de demandas sociais por uma comunicação transformativa.

### **1. Narrativas, psicologia, efeitos: um ângulo de percepção**

A primeira linha de raciocínio para essa abordagem considera o efeito potencial das mensagens dos meios de comunicação de massa (incluindo as mídias sociais) sobre o receptor. Há muito já se nota o quanto os processos de comunicação podem provocar impactos na organização mental e psíquica das pessoas. Um dos trabalhos pioneiros nessa direção, no Brasil, foi o do cientista social Dante Moreira Leite (1927-1976), igualmente pioneiro da psicologia social neste país, falecido precocemente aos 48 anos, quando ocupava o cargo de diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Como pesquisador, Dante Moreira Leite dedicou atenção ao exame da literatura de ficção, mostrando o quanto as narrativas têm potencial de influenciar o estado psíquico do leitor. Esse enfoque pareceu-me significativamente relevante também para o campo da literatura de não ficção e para a comunicação de massa como um todo (Leite, 1987; Lima, 2009).

Procede das pesquisas desse psicólogo brasileiro o conceito de que a narrativa da literatura de ficção – e, por conseguinte, também a da literatura de não ficção e igualmente o jornalismo literário – pode gerar dois resultados distintos, no que tange ao seu efeito sobre o estado psicológico do leitor. O primeiro é o que chamou de *pensamento produtivo* e o segundo é o que denominou *pensamento destrutivo*.

Quando o leitor entra no processo de leitura de uma narrativa, ocorre o que se denomina de momentâneo *desequilíbrio* ou *desorganização* de parte da estruturação mental e emocional da realidade que está ancorada na psique do indivíduo. É como uma pequena pedra lançada sobre a superfície de um lago plácido e que ali ricocheteia, produzindo uma perturbação na água, até então serena. O estado natural das coisas é alterado, há uma agitação por alguns instantes na superfície e quando a pedra afunda, a superfície retoma ao estado de equilíbrio dinâmico em que se encontrava.

O estado psicológico do leitor, imediatamente antes de uma leitura, é como o lago. Tem uma certa estrutura de ordem e organização, fruto dos

condicionamentos culturais, educacionais, biológicos e de experiência de vida que o constituem como ser pensante. O início da leitura representa um distúrbio momentâneo, pela entrada, no universo psíquico, do conteúdo que a narrativa transporta, o qual diz respeito aos componentes materiais, objetivos, da narrativa – dados, fatos, ações, agentes e sujeitos dos acontecimentos, lugares, ambientes de época –, os quais vêm associados a correspondentes componentes de caráter subjetivo. Há uma reverberação emocional, uma ressonância sutil, atrelada à história que se conta.

As narrativas enquanto mensagens tanto podem provocar instabilidade momentânea na mente do leitor – perturbação organizacional psíquica –, quanto podem excitar – estimular – suas emoções, seus sentimentos. Essa condição está implicitamente abrigada pelo jornalismo literário, já que sua promessa narrativa ao leitor é oferecer, mais do que um pacote informativo sobre alguma coisa, uma possibilidade de vivência simbólica e sensorial de uma experiência (aquela vivida pelos personagens reais das histórias transportadas pelos textos).

Por isso é que, ao contrário das técnicas narrativas clássicas do jornalismo, que se apoiam nos fatos e num relato dito objetivo e preciso da realidade, o jornalismo literário prefere mostrar a realidade, em lugar de simplesmente contá-la de maneira supostamente exata e imparcial. Mais ainda, o autor de jornalismo literário é como um embaixador, um guia e um representante do leitor na fundamental tarefa de imersão na realidade.

Por isso é que, em lugar da antiga técnica do lead e da pirâmide invertida do jornalismo noticioso, o jornalismo literário faz as histórias navegarem movidas por recursos narrativos sofisticados, como símbolos do status de vida, diálogos significativos, entrevistas de compreensão, construção cena-a-cena, ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa, fluxo de consciência e outros artifícios poderosos.

O jornalismo literário quer intuitivamente chegar ao cérebro, à mente, à alma e ao coração do leitor porque seu diferencial e seu propósito maior consistem em oferecer mais do que uma simples informação, pretende oferecer uma compreensão da realidade. Busca disponibilizar meios distintos para uma ressignificação da realidade, para o leitor. A criatura humana compreende, decodifica e recodifica o mundo não só pela inteligência racional, mas também pelas emoções, sentimentos, intuições.

Cada mensagem carrega, junto com o conteúdo explícito material – fatos, informação, dados –, o conteúdo sutil e implícito de visão de mundo. Valores, conceitos, modelos de referência, crenças e verdades. Nenhuma mensagem é inocente. Toda mensagem tem o

poder de contribuir para conformar a realidade, e esta só existe na mente e no mundo psíquico de cada um de nós.

Convém colocar, neste raciocínio, o conceito de *inconsciente coletivo*, a contribuição de Carl Gustav Jung (2012) ao conhecimento da realidade humana. Sugere Jung que faz parte do nosso mundo interno, em cada indivíduo, um conjunto sofisticado de elementos – valores, crenças, modos de significação – que tem origem não em nossa individualidade, mas sim na experiência – e introjeção codificada desta – da realidade vivenciada pelos grupos sociais aos quais pertencemos, ou experienciada pela nossa etnia, pelos povos com os quais nos identificamos, pelos nossos antepassados e pela humanidade como um todo.

A vivência da realidade, por sua vez, é interpretada e recodificada pelos que a experimentam e pelos outros que têm interesse em que a realidade seja representada nas narrativas de acordo com suas próprias visões de mundo. A realidade, portanto, corresponde não somente a verdades físicas e concretas, mas principalmente a criações interpretativas que acontecem no interior do mundo psíquico do indivíduo. Contudo, as criações interpretativas resultam de um complexo jogo entre a experiência efetiva do indivíduo, no mundo real, e os inputs que recebe das fontes geradoras de mensagens que circulam no grande oceano externo do inconsciente coletivo.

É nesse oceano que navegam as narrativas mitológicas, por exemplo, as alegorias e as histórias simbólicas de expressão de verdades, crenças, valores e visões de mundo que também habitam o inconsciente coletivo de todos os tempos, de todas as gerações e de todos os lugares. É ali que trafegam as mensagens dos meios de comunicação coletiva, as narrativas jornalísticas sendo parte desse sistema multifacetado presente na civilização globalizada e digitalmente instantânea de nosso tempo.

As narrativas jornalísticas, portanto, transportam visões de mundo e ao compartilharem implicitamente essas suas perspectivas, têm o poder de influenciar na conformação da realidade que se dá no processo psíquico interativo entre o leitor e a narrativa.

Voltando a Dante Moreira Leite, é importante considerar que a leitura de mundo que as narrativas transportam pode estar carregada de uma visão positiva e transformadora da realidade ou pode estar contaminada por uma perspectiva pessimista, negativista, redutora da capacidade de se ver alternativas para as questões cruciais, para os problemas e para os conflitos que são o eixo condutor de toda história dramática.

Desde os tempos do teatro grego da Antiguidade, entende-se, no mundo ocidental, que toda narrativa tem o conflito como eixo

dinâmico da condução da história. A razão de ser de se contar uma história é a discussão narrativa de um problema, uma questão não exatamente clara, ainda, que tem o poder suficiente para atrair o interesse do leitor. A mente humana não gosta de se debruçar sobre situações, questões ou visões incompletas. É da natureza humana buscar trazer completude àquilo que se apresenta incompleto.

O conflito, na narrativa, é o elemento que aponta, identifica e expõe com clareza o problema que constitui o coração de cada história. A oposição e a disputa entre personagens, situações, fatores circunstanciais alimentam o desenvolvimento do enredo. O acompanhamento desse desdobramento e o possível arco de transformação do(s) protagonista(s), ao longo do tempo, são os elos da corrente narrativa que sustentam o interesse do leitor até se chegar, se possível, à catarse.

Na linguagem de Dante Moreira Leite, e fazendo livre uso aqui de suas colocações, o conflito é o fator que desencadeia, na narrativa, a momentânea desordenação de mundo no interior da psique do leitor. Como é movido pela necessidade intrínseca de reordenação do seu entendimento da realidade – isto é, sua reinterpretação e ressignificação do mundo, na medida em que a leitura à sua frente lhe permite –, o leitor necessita que a história lhe conceda o benefício da catarse, não significando necessariamente um final feliz de uma história, mas sim uma construção de algo que faça sentido. Algo que amplie seu entendimento do mundo e da humanidade, do enredo e da história que a narrativa em questão lhe concede, em cada caso. Isso porque toda história apresenta duas faces: o enredo – que se refere ao caso datado e localizável que está sendo contado – e o tema – a questão arquetípica, mais universal, associada ao enredo, e que procede do mundo configurado no inconsciente coletivo.

Quando escrevo este original, estamos às vésperas da Copa do Mundo de Futebol da FIFA, que se realiza em 2018 na Rússia. A Rede Globo de Televisão está exibindo no seu telejornal mais importante, o Jornal Nacional, uma matéria jornalística diária de uma série sobre os jogadores convocados para a seleção brasileira. A cada dia, é exibida uma mini história de um dos atletas, em particular. Cada história tem o seu enredo específico.

A de Gabriel Jesus é a de um menino de periferia que cresceu jogando bola e longe da mãe. Dos campinhos da cidade por onde perambulava, tinha de ligar para a mãe, dar satisfações. Até hoje, profissional de primeira grandeza do futebol, comemora seus gols, no campo, muitas vezes com o gesto típico de estar telefonando e que agora o público já sabe, é o “alô, mamãe”. A de Paulinho é a de um garoto que saiu da marginalidade social da grande metrópole, encontrou-

se no futebol, teve sucesso profissional, depois quase desceu para o ostracismo, jogando na China, e novamente vivenciou uma ascensão em grande estilo, na Europa. A de Cássio é a de um garoto do Brasil profundo rural que precisou passar por um longo período anônimo, no futebol, até conseguir explodir para o sucesso cinco estrelas.

Os temas universais implícitos de todos eles? A superação, as suas transformações, o crescimento para o potencial do que poderia cada um ser no âmbito profissional. A jornada do herói de cada um.

Ao expor histórias narrativamente, o autor vai naturalmente escolher os ângulos de percepção para os quais está capacitado a enxergar, capacidade essa fruto de sua formação cultural, social, profissional e humana. Ou seja, o modo como percebe a realidade à sua frente é condicionado pela sua visão de mundo. O que percebe e como estrutura sua narrativa podem contribuir para uma ressignificação da realidade que faça sentido, em termos de ampliação da capacidade de compreensão do leitor, ou podem levar a um beco sem saída, em que a visão de mundo transmitida é cruel, sem sentido.

Se a opção e a habilidade do autor estão sintonizadas com a primeira possibilidade apontada na frase anterior, a narrativa gera, no mundo psíquico do leitor, o que Dante Moreira Leite chamou de *pensamento produtivo*. Se estão entrelaçadas com a segunda opção, porém, a história gera o *pensamento destrutivo*.

O primeiro produz um efeito de empoderamento e de enriquecimento da capacidade de a pessoa interpretar, se posicionar e eventualmente agir, com relação ao mundo. O segundo fecha as comportas de percepção, reduz o olhar e o entendimento, torna o mundo mais escuro, ameaçador, impossível. Dispara a sensação de impotência.

Infelizmente, uma boa parte da produção literária, como examinou Dante Moreira Leite, e da volumosa produção jornalística contemporânea, por todos os seus canais e meios, inclusive as novas mídias, tende a gerar, na psique individual e no campo psíquico coletivo, esse chamado *pensamento destrutivo*.

No clássico *Passageiro – profissão repórter* – um exemplo da arte cinematográfica, associado ao jornalismo –, produção de 1975 dirigida pelo notável Michelangelo Antonioni, o magnífico ator Jack Nicholson interpreta o papel de David Locke, um desiludido repórter de televisão em missão jornalística na África, cobrindo guerrilhas na região. É abandonado pelo guia, seu Land Rover atola na areia. Entra em profunda crise existencial, vê-se terrivelmente cansado de tudo, do casamento, do trabalho, da vida.

Casualmente, encontra um hóspede europeu no hotelzinho de fim de mundo onde se abriga. O vizinho lhe conta algo de sua vida. Horas

depois, morre de um infarto fulminante. Locke, fisicamente parecido com o estranho, vê uma grande oportunidade de mudar de vida. Ele então troca seu passaporte com o do morto e faz-se passar por ele. Foge para a Europa, disposto a um recomeço como o indivíduo que ele não é.

Por ironia trágica do destino, descobre que esse seu “novo eu” é o de um contrabandista de armas. Vê-se emaranhado numa armadilha que considera sem saída. E então – correndo todo o risco aqui de contrariar o leitor, por estar produzindo um *spoiler* –, na antológica sequência final do filme, em sete longos minutos em que a câmera não focaliza a ação central, mas sim o entorno e o ambiente externo ao local onde se encontra o protagonista Locke comete suicídio.

O que diz Antonioni desse seu filme, elogiadíssimo pela crítica, particularmente pela genialidade criativa desses sete minutos? “Considero-o meu filme mais maduro, estilisticamente. Também o considero um filme político, de temática atualíssima e se encaixa com a dramática situação do indivíduo na sociedade de hoje” (Disponível em: [www.sonyclassics.com/thepassenger/synopsis.html](http://www.sonyclassics.com/thepassenger/synopsis.html)). Dito em 1975, é atualíssimo em 2018 (com situação até pior).

O tipo de pensamento que essa bela obra cinematográfica pode gerar? *Pensamento destrutivo*. A inquietação psíquica, no inconsciente do telespectador, de que essa é a realidade cruel e imponderável do mundo. O indivíduo como vítima da sociedade. A ideia subjacente de que assim, nada se pode fazer. Não existe nada mais além disso. Impotência.

Ora, é claro que as narrativas podem se prestar ao retrato de situações que espelham um tipo de realidade presente no mundo. Indivíduos moídos pela máquina desumana da civilização materialista e reducionista de nossa era.

Mas a pergunta que cabe: é só essa a visão de mundo possível nos dias hoje? Será mesmo que não há outras opções?

E outra questão, intimamente associada a essa indagação: o problema não é, em si, a presença de narrativas que geram *pensamentos destrutivos*, nos meios de comunicação, o problema é a presença excessiva e predominante, nas narrativas, de conteúdo gerador dessa sensação de impotência, contribuindo para o aumento do lixo psiquicamente tóxico que lota o inconsciente coletivo.

A busca por uma abertura de horizonte para o entendimento autocrítico dos efeitos negativos da comunicação jornalística sobre as pessoas e a sociedade, assim como o desenvolvimento de abordagens diferenciadas, focadas na intenção de produção de efeitos

transformadores, tem provocado iniciativas promissoras, tanto na prática de mercado quanto no ambiente acadêmico. Por vezes, a resposta a essa demanda crescente na sociedade parte de iniciativas espontâneas de comunicadores profissionais, por vezes surge de estudos acadêmicos apoiados por abordagens de caráter interdisciplinar.

No primeiro caso, é notável o trabalho pioneiro da organização Images & Voices of Hope (<https://ivoh.org/>), fundada em Nova York em 1999 como o centro de uma comunidade global de jornalistas, documentaristas, cineastas, fotógrafos e outros profissionais de comunicação, a qual se propõe desde então a cumprir a missão de reforçar o papel potencial da mídia como agente causador de impacto social e humano positivo no mundo. Realiza essa missão por meio de programas educacionais, conferências e eventos similares de grande porte, manutenção de um canal de publicação digital de narrativas, disponibilização de recursos educacionais e pesquisa acadêmica – em parceria com a Universidade de Oregon – em torno do que denomina narrativa restauradora.

No campo acadêmico, iniciativas recentes surgem de aproximações do jornalismo ao campo da psicologia positiva, escola psicológica diferenciada, constituída a partir do trabalho pioneiro de Martin Seligman, Mihaly Csikszentmihalyi e Christopher Peterson, como três de seus maiores expoentes contemporâneos, conforme destaca, numa síntese, o artigo *The 5 Founding Fathers and a History of Positive Psychology* (Srinivasan, 2015).

São destaques a dissertação de mestrado *Innovating News Journalism through Positive Psychology*, defendida por Cathrine Gyldensted na Universidade da Pensilvânia em 2011 e a pesquisa *Publishing the Positive*, de Jodie Jackson, parte de sua dissertação de mestrado em psicologia positiva defendida na University of East London, em 2016.

Cathrine Gyldensted e Karen McIntyre procuram realizar um mapeamento dessas tendências, no artigo conjunto *Construtive Journalism; Applying Positive Psychology Techniques to News Production* (2017), detectando quatro ramificações do jornalismo construtivo: jornalismo de soluções, jornalismo prospectivo, jornalismo de paz e narrativa restaurativa.

## 2. O jornalismo e as amarras de velhos paradigmas

Contextualizando esse fenômeno social de ascensão de novas propostas para o papel do jornalismo no mundo contemporâneo

e abrindo uma frente para a contribuição potencial do jornalismo literário nesse campo, é relevante um rápido voo epistemológico.

A visão de mundo predominante no jornalismo, produtora de conteúdo gerador mais de *pensamentos destrutivos* do que *construtivos*, procede do fato de que, sendo subsistema da sociedade conformada por valores e modelos mentais de realidade consolidados em larga escala a partir do século XIX, como frutos do prestígio avassalador da ciência clássica desde a física de Isaac Newton e das correntes filosóficas correlacionadas do cartesianismo, do iluminismo e do positivismo, fatalmente herdaria tanto os benefícios quanto as mazelas dessa forma de percepção do real altamente baseada no pensamento lógico-dedutivo.

O jornalismo é visto, aqui, como um campo de conhecimento e um dos meios culturais de apreensão, entendimento e interação com a realidade. Compreender o que está à sua volta e sua própria realidade interior é uma necessidade básica do ser humano, desde que as civilizações se organizaram. Ler o ambiente, conhecê-lo, responder às demandas da existência é uma questão crucial de sobrevivência do indivíduo e da espécie.

Ao longo do tempo, a humanidade foi sofisticando seus instrumentos para essa função de apreensão e interpretação da realidade. Gerou, com o tempo, quatro grandes vias para isso, cada uma com seus códigos e meios próprios, todas voltadas ao mesmo propósito maior de conhecimento. O caminho do conhecimento tradicional de povos nativos, da religião e do misticismo; o caminho da filosofia; o caminho das artes; e o caminho das ciências.

De todas essas opções, a ciência, de origem cultural na civilização europeia, acabou por conquistar posição privilegiada e de liderança em todas as partes do mundo, graças aos avanços extraordinários da Revolução Científica – século XVI a XVIII – e às soluções que a própria ciência, assim como seu subproduto, a tecnologia, trouxeram para resolver inúmeros problemas que a sociedade enfrentava nesse período – e logo em seguida – marcado pela profunda mudança da civilização sobre a face da Terra. O capitalismo, a urbanização, a industrialização, o consumismo, os primórdios da globalização, a conquista e colonização pelos europeus de povos e terras distantes são fenômenos sociais, políticos e econômicos que configuram um novo panorama da sociedade. Em meio a esse contexto e ao dinamismo transformador que o caracteriza, no século XIX nasce o jornalismo considerado moderno, tal como o identificamos hoje em dia.

Assim como a maioria das atividades e organizações que surgem nessa fase, o jornalismo inclui na sua base conceitual fundante

da sua prática elementos dos modelos mentais de configuração da realidade que se originam da epistemologia da ciência, esta que, por sua vez, toma como matriz a física clássica. Dela derivam os preceitos e princípios que moldam a maneira como a sociedade passa a perceber e entender a realidade. Esse conjunto de elementos forma os paradigmas, modelos-guia para a inserção do nosso olhar inquiridor no seio do real.

Que mundo é esse que resulta desse olhar da ciência clássica sobre a realidade que confina e reduz nossa percepção?

É um mundo materialista, cuja realidade se reduz, em última instância, às instâncias materiais, concretamente físicas da existência. Daí a crença, no jornalismo, de que para haver notícia, tem que haver fatos. É um mundo fragmentado, dividido em áreas de especialização. Daí as editorias, nas redações convencionais. É um mundo simples, linear, lógico, tendendo à condição estática. Daí, no jornalismo, o foco na atualidade, esse corte brutal e cego no tempo, reduzindo-o a uma parcela diminuta do seu escopo e não percebendo muito bem o dinamismo de largo prazo nos acontecimentos, que faz as ocorrências que eclodem no tecido social despontarem de súbito, aparentemente, despertando o interesse de cobertura da mídia. É um mundo inspirado numa visão mecânica das coisas, como se tudo que existe pudesse ser compreendido à luz das leis de funcionamento das máquinas, o ser humano entendido como se fosse apenas uma máquina melhorada, se tanto, dotado de comportamentos previsíveis e, portanto, sujeito a manipulações e controles que se pode exercer. É um mundo do império da razão e do pensamento lógico, da frase *penso, logo existo*, atribuída a Descartes. Daí, no jornalismo, o foco prioritário na leitura racional dos acontecimentos.

O problema é que esse conjunto integrado de modelos de explicação da realidade e interação com ela pode servir, no jornalismo, para informar e constatar situações de um modo simplista. Informar e opinar, só. Mas a busca do jornalismo literário, porém, é pela compreensão e entendimento o mais integral possível da realidade. Não basta constatar fatos. Precisa-se contextualizar e iluminar ao máximo o entendimento amplo das histórias – e seus temas correlacionados – contempladas em narrativas. A abordagem precisa ser fenomenológica, sistêmica, holística, integrada.

À medida em que esses paradigmas da ciência clássica passaram a ser questionados ao longo do século XX, a partir de avanços revolucionariamente transformadores no próprio centro da comunidade científica, novas compreensões da realidade surgiram, assim como novos modelos de percepção e investigação passaram a ser desenhados e testados.

Uma das críticas mais contundentes diz respeito à visão limitada da ciência clássica materialista, quando na física quântica surge a proposta do conceito de multidimensionalidade da existência, a ideia da *ordem implícita* e da *ordem explícita* de David Bohm, por exemplo. A realidade é concreta e objetiva, mas também sutil e etérica, dizem os físicos quânticos de vanguarda, como Fritjof Capra e Amit Goswami, dois profissionais que dos laboratórios de excelência saem para o mundo para divulgar metaforicamente esses achados, pela importância crucial que apresentam para toda a humanidade, e não só para os pesquisadores herméticos de reclusos centros de pesquisa.

A seguir, outras propostas de grande impacto, condizentes com o interesse deste artigo em discutir a questão da compreensão do ser humano como ato fundamental para a prática de um jornalismo literário que se quer independente como disciplina própria. Por exemplo, a proposta da inteligência emocional nascida de estudos do psicólogo – e jornalista de ciência – Daniel Goleman sobre os avanços da neurologia moderna, e que estabelece a nossa inteireza como seres que apreendem o mundo e agem centrados tanto na nossa capacidade de inteligência racional, quanto atuam igualmente movidos pelas emoções e pelas intuições.

Apesar desses e inúmeros outros avanços revolucionários, a maior parte do jornalismo convencional se mantém preso a uma visão de mundo esquemática, inadequada e ineficiente para as respostas narrativas de conhecimento que o mundo de hoje precisa. Por quê?

A abordagem sistêmica pode nos ajudar na resposta, tendo como base a teoria geral dos sistemas, de Ludwig von Bertalanffy, que é suporte teórico a esse livro pioneiro *El Periodismo impreso y la teoria general de los sistemas* (Lima, 1991).

Sistema, de modo simplificado, é um conjunto de elementos interligados e integrados que constituem um todo em processo dinâmico de ação e ser, identificável individualmente pelas funções que o caracterizam. Sob uma perspectiva de espaço e lugar, o sistema é envolvido, externamente, pelo ambiente, do qual participam igualmente outros sistemas, havendo interações complexas entre todos. Internamente, o sistema é constituído de subsistemas com funções específicas, todas conectadas com a(s) função(ões) maior(es) que são a razão de ser do sistema. Há interdependência entre todos.

O jornalismo é um sistema próprio na sociedade contemporânea, exercendo funções muito características que lhe dão identidade e o diferenciam de outros sistemas. É obviamente diferente do sistema polícia, ou do sistema governo, ou do sistema transporte,

por exemplo. Um sistema do tipo aberto, altamente vulnerável e influenciável pelas condições externas de seu ambiente, o jornalismo está atrelado aos interesses, princípios, propósitos e visões de mundo dos sistemas externos, em seu ambiente, que lhe dão suporte. Nesses sistemas, existem os grupos sociais e seus valores que esposam as perspectivas de mundo com as quais o jornalismo se afina, endossa, se identifica e com os quais exerce suas funções na sociedade.

Na sociedade, por sua vez, estão instaladas as visões de mundo que ocupam um lugar central, e a conduzem, de um certo modo. São os paradigmas vigentes que dão contorno e direção à sociedade de um certo lugar e tempo específicos. Os paradigmas em predomínio formam as crenças e valores dos grupos sociais que exercem a liderança de uma sociedade. Mas em paralelo, nas periferias do sistema, existem outros valores, grupos e paradigmas em competição para chegar ao centro do sistema e assim, por ascensão a uma posição de poder, dominar e redirecionar a sociedade a um novo rumo de acordo com os novos paradigmas que estão à serviço da renovação dinâmica da vida social. Toda sociedade – e a civilização humana inteira – precisa de renovação, por um processo cíclico de evolução, sem a qual fenece. As grandes civilizações também nascem, se desenvolvem, definham e perecem. Crescimento e dissolução fazem parte do ciclo de existência das nações e povos.

Vivemos, nas últimas décadas, um processo conflituoso de embate entre os velhos paradigmas que ainda prevalecem e os novos que buscam um lugar ao sol. Para substituir os combustíveis fósseis, os biocombustíveis. Em lugar da energia produzida por hidroelétricas, a gerada por turbinas eólicas. Mais importante do que o aspecto tecnológico, as grandes – e por vezes caóticas – mudanças em curso no mundo contemporâneo sinalizam uma grande onda de inúmeras pequenas/grandes revoluções correlacionadas de paradigmas que configuram a possibilidade de uma sociedade futura marcadamente diferente da atual. Há um conflito subjacente de paradigmas, nesse teatro dramático de possíveis alterações radicais da sociedade contemporânea.

Onde se encontra a maior parte do jornalismo, nesse jogo? Acorado nos sistemas externos convencionais que lhe dão sustento, comprometido com os grupos sociais que esposam os paradigmas desse velho mundo do século XIX que ainda impera no coração da civilização contemporânea, em que pesem as mudanças cosméticas e pirotécnicas da sociedade disruptiva do século XXI.

No que diz respeito ao ser humano e à pessoa como personagem real das narrativas jornalísticas, o jornalismo convencional – não

literário – continua limitado à uma visão convencional, racionalista, linear e simples. Mesmo no jornalismo literário, muitas vezes a base de abordagem é tímida. Em perfis, por exemplo, é comum a narrativa circular pelo mundo de fazeres e ações externas do perfilado. A história de sucesso e superação do garoto que saiu da pobreza para se tornar o grande ídolo do esporte. A empresária que rompeu barreiras e comanda um grande império de negócios onde antes só lideravam homens.

Tudo bem, mas se o propósito é oferecer uma narrativa de compreensão e posicionamento do perfilado num patamar ampliado de entendimento, focar a história no *fazer* é pouco. E o *ser*? E o mundo interior da pessoa, a fonte de onde brotam suas motivações e força para o enfrentamento dos desafios?

O jornalismo convencional segue comprometido com os tentáculos reducionistas – e deletérios – da sociedade do ego, essa instância da psique humana que está na base da fonte interna que olha para o mundo e conforma sua visão da realidade de acordo com seus parâmetros parcialmente válidos – até certo ponto –, mas limitantes e até distorcidos, ou mesmo perigosos. O exagero de sustentação da nossa sociedade nos valores egoicos nos trouxe o individualismo exacerbado, nos garante o tribalismo excessivo, nos gera o aumento da xenofobia e da intolerância, dispara o espírito acentuadamente competitivo da nossa era, aliena o indivíduo de si mesmo, separa a pessoa da natureza, gera a ignorância da visão míope da realidade que não respeita a interconectividade de tudo o que existe. Daí a horrenda sociedade de plástico em que substâncias nocivas desse subproduto da indústria petroquímica contaminam os alimentos nas embalagens de supermercados, provocam danos hormonais terríveis na população masculina. Os plásticos em si, como aqueles dos inocentes canudinhos de refrigerantes e bebidas, pela sua angustiantemente lenta degradação, poluem e contaminam os oceanos em volume alarmante, asfixiam a fauna marinha, destroem a vida.

A tendência do predomínio da produção de narrativas geradoras de *pensamento destrutivo*, ingenuamente ou maliciosamente sintonizada com os interesses dos grupos sociais dos velhos paradigmas, reduz o escopo de auto compreensão – e, portanto, de leitura inclusiva da realidade. O excesso de cobertura de histórias ligadas à sombra humana – a crueldade, a violência, o egoísmo, a proteção exagerada de si e dos seus em detrimento do próximo – dispara o medo, motor do ego, cristaliza a visão num trecho diminuto e sombrio da realidade. O ego dificulta a interação, torna a solidariedade e a compaixão quase impossível, impede a abertura de percepção para uma dimensão integrada e ampla de entendimento.

O jornalismo precisaria romper com os seus paradigmas limitantes e abraçar os novos modelos de compreensão que estão associados à ideia da evolução da consciência e nos quais se insere o conceito de Self, apresentada por Carl Gustav Jung (2012). Refere-se à outra instância da psique, capaz de um modo abrangente de percepção e entendimento de nós próprios e da existência.

Os vícios cristalizados da maior parte do jornalismo convencional, gerados pelo pó engordurado dos velhos paradigmas e interesses correlatos aos quais aderiu, não trazem muita esperança. O jornalismo segue, em sua maior parte, à serviço da involução. Isto é, da manutenção das consciências num patamar muito reduzido de percepção.

O problema é que aquele que resiste ao empenho da natureza pela evolução – isto é, pela subida do nível de percepção e de ação para um patamar ampliado e de maior qualidade de entendimento integrado de si e do conjunto da existência – não só fica estagnado e regride. Não avançar e não evoluir é cair na dissolução e na morte. A grande ameaça é que essa civilização alicerçada em bases falsas da areia egoica dos paradigmas dominantes chegou a uma perigosa encruzilhada. Ou dá um salto de qualidade que a coloca em condição amplificada de percepção e ação, ou torna pavorosamente presente a possibilidade real de colapso total.

O caminho para essa mudança passa necessariamente pelo empoderamento de autoconhecimento e expansão de consciência dos indivíduos. Um dos meios potenciais para se contribuir para o estímulo nessa direção é a comunicação.

Pelo comprometimento pesado do jornalismo convencional, em sua maioria, com os paradigmas reinantes desde o século XIX, parece pouco provável que tenha fôlego para se desvencilhar, se reinventar e exercer uma função revitalizadora na nova mitologia universal que está nascendo.

Mitologia, aqui, está ligada ao conceito de mito como sinônimo de narrativa com significado profundo. Narrativa transformadora. Narrativa de ampliação de consciência. Narrativa de direcionamento do indivíduo para o centro de sua consciência, que é de onde ele pode se reencontrar, afastar a dor da alienação de si mesmo e, de bônus, descobrir sua interconectividade dinâmica com tudo o que existe.

*Storytelling.* A arte de contar histórias. O segredo do jornalismo literário. Por isso, pode exercer essa função. Por isso, convém que se desvincule do jornalismo como um seu subproduto, ou da literatura. Por isso a necessidade de encontrar um seu espaço independente, próprio, que dialoga com todas as áreas de conhecimento que lhe

interessem, especialmente com aquelas ligadas à arte da narrativa. Mas que não se confunda com nenhuma delas e encontre seu próprio conjunto de funções diferenciadas.

Este artigo é como um manifesto pelo exercício de uma dessas funções, dentre as muitas possíveis: uma função educativa de autoconhecimento, sintonizada com o processo de expansão de consciência em curso, por meio da arte de contar histórias reais com potencial inspirador de transformações.

Cada pauta e cada história a serem contadas serão como um capítulo do Grande Mito do nosso tempo. O notável mitólogo Joseph Campbell dizia que os mitos não são coisas do passado distante, perdidas nas dobras do tempo. No agitado mundo contemporâneo continuamos a produzir mitos o tempo todo. Mesmo que a qualidade das histórias possa ser pobre, comparadas com os épicos da Antiguidade, talvez. Em lugar do herói da guerra de Troia, os heróis das narrativas míticas de nossa era são os ídolos do esporte, embora possam acontecer também narrativas de heróis da grandiosidade potencial do espírito humano, como a de Nelson Mandela.

As narrativas míticas estão presentes, de qualquer modo. As histórias míticas estão acontecendo a cada momento, em nossa Terra globalizada de transmissão instantânea via satélite.

Uma tendência que Campbell apontava, porém, marca uma diferença significativa entre uma nova linha de mitos que surgem e a linha tradicional do passado. O herói do passado tinha, no geral, um escopo tribal da realidade. As narrativas ajudavam a trazer consciência e significado do seu lugar no clã, na tribo, no seu território demarcado de mundo.

Mas uma linha nova do mito do nosso tempo que está surgindo, desde o começo das viagens espaciais tripuladas, é a da nossa história planetária, conjunta, cósmica, até. O indivíduo não mais como ser pertencente a seu grupo de origem, mas como membro da família humana planetária, todos filhos das estrelas.

A esse foco, este artigo aponta uma outra marca dessa nova mitologia. Está nascendo o Mito do Grande Despertar. A história das histórias dos indivíduos e da coletividade, em que a humanidade rompe os véus que condicionavam seu olhar aos limites das paredes de aquário onde vivemos – nosso mundo mental interior forjado pelos paradigmas –, e abre agora todos os sentidos para a maravilhosa descoberta do oceano majestoso da existência onde todos navegamos.

Além das iniciativas no campo do jornalismo, apontadas anteriormente neste ensaio, despontam em duas frentes sinais

inspiradores para o jornalismo literário dedicar uma parte de sua arte a essa função de despertar consciência nas pessoas.

A primeira diz respeito ao surgimento de iniciativas que propõem a prática da escrita como processo de ampliação de consciência. Por muito tempo se acreditou que o ato de escrever criativamente é um processo inconsciente impulsionado pelo conteúdo desconhecido que habita cada um de nós, muitas vezes associado às nossas sombras. O conjunto de medos, depressões, sentimentos de vitimização ou de baixa autoestima, insegurança, repressão de desejos e de traumas. O sofrimento, a dor e a inquietação interna provocados pelas emoções tóxicas inconscientes geradas pelo ego, dizia-se, alimentava o ato criador. Isso era bom para se fazer literatura.

Mas podia ser péssimo ou ineficaz para o autoconhecimento e o crescimento qualitativo da pessoa, em consciência. E essa literatura narcisista, enredada no próprio umbigo do autor, só poderia mesmo, quase sempre, gerar um efeito de *pensamento destrutivo* junto ao leitor. Pouco contribuía para processos transformadores que elevam a consciência do leitor, ajudando-o, quem sabe, a procurar uma ascensão do seu centro de percepção do nível do ego para o patamar mais delicado e pleno do *Self*, essa outra instância organizadora da psique – o mundo interno subjetivo de todos nós –, a qual é como uma fonte interna de sabedoria que nos mostra a dimensão plena da nossa totalidade como indivíduos e simultaneamente como coparticipantes da majestosa cadeia dinâmica integrada de toda a existência.

Nos Estados Unidos, o escritor, jornalista, editor e professor Mark Matousek conduz trabalhos focados no despertar pessoal e na excelência criativa por meio do que denomina escrita transformadora

e auto investigação (Disponível em [www.markmatousek.com](http://www.markmatousek.com)). Por sua vez, o escritor Albert Flynn De Silver propõe a escrita como caminho do despertar, celebrando o espírito da liberdade espiritual e criativa (Disponível em [www.albertflynnandesilver.com](http://www.albertflynnandesilver.com)). Na Inglaterra, a escritora Julia McCutchen, oferece workshops, oficinas e cursos de escrita consciente para uma vida criativa. (Disponível em: [www.juliamccutchen.com](http://www.juliamccutchen.com)).

Nesses três exemplos, esses profissionais se apoiam tanto no *know how* que dominam quanto em suas próprias vivências pessoais de crescimento para guiar pessoas por meio da escrita para um processo de empoderamento intimamente ligado à expansão de consciência. A questão implícita da espiritualidade – entendida não como sinônimo de religiosidade ou de misticismo, mas sim dessa noção da interconectividade

entre tudo o que existe e do *insight* que podemos ter de que somos seres não limitados à caixinha redutora da consciência que é o ego – está presente sem dogmatismo, e sem a ideia de separação entre o transcendente e o mundano. A espiritualidade não é uma condição restrita à igreja, à sinagoga, à mesquita, ao templo ou ao terreiro de umbanda. A espiritualidade é a presença da totalidade consciente no aqui e agora. Essa presença é a paz que dá sentido à vida e pode, dizem esses especialistas. O caminho que oferecem para lá é a escrita.

A segunda frente é a dos profissionais que são de fato pesquisadores, os quais passam a explorar novos campos de conhecimento, baseados em novos paradigmas, e depois usam a comunicação para compartilhar suas descobertas, por um lado, e para empoderar as pessoas, de outro, contribuindo de maneira destacada para a escrita dessa História do Grande Despertar.

Um dos casos mais instigantes é o da jornalista e escritora norte-americana Lynne McTaggart. Repórter de ciência e tecnologia por muitos anos, Lynne se interessou imensamente, a partir de um ponto em sua carreira, a cobrir avanços de vanguarda na área de neurologia e outros campos científicos que pesquisavam questões como a interferência da mente sobre a matéria. Impulsionada ainda mais por um desafio de saúde, passou igualmente a acompanhar abordagens revolucionárias em medicina de ponta que empregavam paradigmas associados ao conceito de multidimensionalidade do real, adotando métodos de tratamento nada ortodoxos.

Particularmente, embrenhou-se pelos estudos de intencionalidade, o princípio da nova ciência em gestação em universidades da maior credibilidade como Harvard, Stanford e Yale, por exemplo, que sugere o poder da intenção dirigida mentalmente como um dos fatores que se agrega a forças sutis da natureza nos processos de co-criação da realidade manifestada, dos quais somos capazes de participar conscientemente.

Entusiasmada pelas suas descobertas, em princípio Lynne resolveu utilizar seus dons de jornalista e escritora para produzir narrativas em livros e outras formas que levassem esse conhecimento ao público. Seu trânsito junto a cientistas pioneiros de grande renome acadêmico e seu aguçado espírito investigativo facilitaram conceder aos textos uma solidez conceitual respeitável.

Mais tarde, percebeu que apenas a produção de narrativas era insuficiente para dar vazão a tudo que poderia fazer a serviço dessa missão que se definiu cumprir, servindo às pessoas. Passou a oferecer oficinas e

curso, além de desenhar experimentos públicos próprios, muitas vezes em parceria com cientistas. Desenvolveu um método próprio de ativação consciente da intenção, a que chamou de experimento *da intenção*. Um dos seus eventos mais notáveis foi a realização em tempo real, com grupos presenciais em países árabes e em Israel, interligados pela internet, de um *experimento de intenção* de paz por Jerusalém, em 2017. Esses experimentos, como qualquer outra investigação científica, têm objetivos, metas e procedimentos bem definidos, assim como tabulação e análise dos resultados, ao final. Atualmente Lynne apresenta-se como autoridade em intenção, espiritualidade e na nova ciência. (Disponível em [www.lynnemctaggart.com](http://www.lynnemctaggart.com)).

Outro exemplo inspirador é o do neurocientista Joseph Dispenza que usa seus talentos de comunicador e educador para compartilhar conhecimento transformador resultante dos novos paradigmas. Por exemplo:

Nossos genes são tão mutáveis quanto nossos cérebros. As pesquisas mais recentes em genética mostram que genes diferentes são ativados em tempos diferentes – estão sempre em fluxo e podem ser influenciados. Há genes propícios a experiências que são ativados quando há crescimento, cura ou aprendizado; e há genes dependentes de estados de comportamento que são influenciados durante o estresse, a excitação emocional ou o sonho (Recuperado de [www.drjoedispenza.com](http://www.drjoedispenza.com) em 5 de agosto de 2018).

Esse especialista se entrega à participação em eventos como “A Nova história do homem: o poder para desenvolver-se em tempos extremos”, conferência programada para a Cidade do México para o mês seguinte à produção original deste texto, que argumenta: “Frente à crise na saúde, no lar e no amor, a convergência da sabedoria ancestral, espiritual e atemporal, junto com a nova ciência, está criando uma genuína revolução no pensamento e no entendimento, tão radical que pode mudar o mundo” (Recuperado de [www.drjoedispenza.com](http://www.drjoedispenza.com) em 5 de agosto de 2018).

Dispenza se junta a outros conferencistas dessa nova vanguarda científica que “(...) oferece um compêndio de sabedoria ancestral e ciência, que derruba paradigmas para revelar o nascimento de uma nova história do homem: revelações que mudam a maneira como pensamos o corpo humano, nossos limites, e, o mais importante, nosso potencial” (Recuperado de [www.drjoedispenza.com](http://www.drjoedispenza.com) em 5 de agosto de 2018).

Os três conferencistas, diz o texto de apresentação do evento

(...) descrevem descobrimentos que soterram 150 anos de conhecimento científico convencional. A estimulante fronteira da ciência de como a trindade do corpo, da mente e do espírito

se inter-relacionam com a biologia, a neurologia, a genética e o potencial humano, também ilumina os mecanismos com os quais os pensamentos, as percepções e as crenças criam as condições em que vivemos e experimentamos o mundo através do nosso corpo. A chave: conhecimento é poder. O conhecimento experiencial do SER explicado nesta conferência empodera sua vida, sua saúde, seu futuro, liberando-o de programas limitantes com os quais se identificou. Quanto melhor nos conheçamos, menor o medo das mudanças e dos demais. Quando a evidência não suporta mais a história atual, é momento de uma nova (Recuperado de [www.thenewhumanstory.com](http://www.thenewhumanstory.com) em 15 de agosto de 2018).

Esta história imediata em progresso oferece ao jornalismo literário uma oportunidade ímpar de prestar um serviço nobre à humanidade desvinculado do ranço paradigmático que fossiliza o jornalismo convencional diante dos novos tempos.

A transformação de consciência que pelo menos uma parte da humanidade pode realizar é uma necessidade vital e urgente, se quisermos revitalizar as condições de vida neste planeta. Nossa Terra poluída, contaminada, desprezada, desrespeitada em seus ciclos naturais, não comporta muito mais as monstruosas ações destrutivas do meio ambiente causadas pela ignorância humana sustentada por instrumentos de percepção que nos alienam de nós próprios e da realidade dinâmica totalizadora que nos envolve e nos transpassa energeticamente, como que nos mostrando que nossa nova caminhada requer que aprendamos a ser co-criadores de possibilidades, em sintonia parceira com a Consciência. Essa com C maiúsculo, uma Presença de difícil definição, mas que como sugerem cientistas de vanguarda, é o tecido que sustenta a vida em todas as suas formas e quadrantes de existência do universo.

Dedicar seu rico arsenal narrativo a simplesmente cobrir os meandros dessa política sombria de perfil algo patológico que resulta da pequenez egoica de nossos governantes? Usar a arte para somente descrever o circense mundo do *show business* em sua pobre beleza de aparência fascinante, mas alma vazia? Concentrar-se unicamente em celebridades do esporte para perfis de potencial explorado somente no voo raso das paixões repetidamente expostas que ao longo do tempo não alçam as pessoas para um patamar gratificante de erradicação de suas próprias dependências emocionais? Focalizar empresários apenas em suas histórias de ambição, poder do pequeno eu e conquistas de capitalismo selvagem?

É muito pouco para a glória do jornalismo literário.

Melhor pautar as histórias dessa revolução cada vez menos silenciosa que faz florescer aqui e ali o Grande Despertar. É mais digno produzir os perfis desses grandes, anônimos ou célebres pioneiros à frente

dessa “nova história imediata” que se vai configurando em nossos dias. Mais nobre é oferecer aos leitores as narrativas de ressignificação que impactem suas almas, despertando a fagulha da possibilidade, ascendendo a chama do fogo transformador que pode conduzi-los a uma nova esperança.

Os meios para isso?

De um lado, o acumulado know-how narrativo, fruto da tradição do jornalismo literário construída ao longo do tempo por tantos ilustres artífices da arte de todas épocas e lugares. De outro, recursos novos que são oferecidos como expansão da tecnologia da arte, tais como a jornada do herói enquanto método de estruturação de narrativas, elementos da psicologia junguiana e técnicas como o mapa mental e a visualização criativa do método Escrita Total de redação espontânea, todos incorporados à proposta do jornalismo literário avançado.

O mapeamento dessas novas histórias e seus protagonistas, o exercício da arte narrativa típica do jornalismo literário, são duas das ações necessárias para o desempenho dessa função comunicativo-educativa aliada ao processo maior e envolvente do Grande Despertar. Mas a terceira ação necessária compreende a imersão indispensável do autor/da autora de jornalismo literário na sua própria jornada de transformação interior.

Só assim poderá compreender, de fato, por espelhamento e empatia, o processo transformador dos seus protagonistas. Só assim entenderá o sentido da grande mudança que afeta este nosso tempo histórico. Só assim conseguirá, efetivamente, exercer a vocação que esse ofício permite.

Contar histórias que valem a pena contar. Mesmo. Que transformam corações e mentes. E podem, com sorte e fé, contribuir para tornar o mundo, provavelmente, um quantum melhor.

## REFERÊNCIAS

Bak, J. & Reynolds, B. (Orgs.) (2011). *Literary journalism across the Globe: Journalistic traditions and transnational influences*. Amherst: UMass Press.

Gyldensted, C. (2011). *Innovating News Journalism through Positive Psychology*. (Master thesis). Recuperado de [https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1024&context=mapp\\_capstone](https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1024&context=mapp_capstone).

Jackson, J. (2016). *Publishing the Positive*. Exploring the motivations for and the consequences of reading solutions-focused journalism (Master thesis), Recuperado de [https://www.constructivejournalism.org/wp-content/uploads/2016/11/Publishing-the-Positive\\_MA-thesis-research-2016\\_Jodie-Jackson.pdf](https://www.constructivejournalism.org/wp-content/uploads/2016/11/Publishing-the-Positive_MA-thesis-research-2016_Jodie-Jackson.pdf)

Jung, C. G. (2012). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (8ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Leite, D. M. (1987). *Psicologia e literatura*. São Paulo: Unesp.

Lima, E. P. (2009). *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (4ª ed.). São Paulo: Manole.

Lima, E. P. (1991). *El Periodismo impreso y la teoría general de los sistemas: Un modelo didático*. Cidade do México: Trillas.

Lima, E. P. (2013). Memória do futuro: Jornalismo Literário Avançado no século XXI, 1. *Inovcom*, 5 (2), pp. 68-78.

Lima, E. P. (2014). Memória do futuro: Jornalismo Literário Avançado no século XXI, 2. *Inovcom*, 6 (1), pp. 12-23.

Lima, E. P. (2017). Now into the future: Advanced Literary Journalism. *The Newsletter of the IALJS*, pp. 17- 27.

McIntyre, K. & Gyldensted, C. (2017) Constructive Journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production. *The Journal of Media Innovations* 4.2, pp 20-34, DOI: <http://dx.doi.org/10.5617/jomi.v4i2.2403>

Srinivasan, T.S. (2015). *The 5 Founding Fathers and A History of Positive Psychology*. Retrieved from <https://positivepsychologyprogram.com/founding-fathers/>

**Edvaldo Pereira Lima** é Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em Educação pela Universidade de Toronto. Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (aposentado), foi também professor-visitante nas universidades de Florença, Londres, Antioquia. Escritor com 15 títulos publicados entre obras acadêmicas e livros de não ficção. Jornalista. *Storycoach*. Professor de cursos independentes em jornalismo literário e *storytelling*. [www.edvaldopereiralima.com.br](http://www.edvaldopereiralima.com.br)

RECEBIDO EM: 08/06/2018 | ACEITO EM: 01/09/2018